

'Nosso Sonho' tem sessão em Paris nesta quinta

PÁGINA 3



Noites Cariocas tem nova edição agora em abril

PÁGINA 5



Diogo Nogueira faz, enfim, sua estreia como ator em série

PÁGINA 7



2º CADERNO

Musical 'Sonhos, Lama e Rock and Roll' celebra os 40 anos do Rock in Rio durante todos os dias de evento



Marcos Alonso/Divulgação

Elenco e equipe de produção do musical que contará a história do Rock in Rio durante o período do festival

O espetáculo dentro do espetáculo

Por Guilherme Cosenza

Um mergulho em 40 anos de uma história movida a sonhos e muitos ritmos. É assim "Sonhos, Lama e Rock and Roll", musical criada pela dupla de diretores Charles Möeller e Claudio Botelho, dois mestres do gênero. O espetáculo propõe uma imersão do público na essência do festival que teve sua primeira edição em 1985 e, desde então, se tornou o maior evento musical da Terra.

A peça aborda e revive o início de tudo, quando a

ideia de trazer um mega evento internacional para acontecer no Brasil era uma ideia desacreditada. "Fazer um musical em um festival deste tamanho é completamente diferente. É muito fascinante porque é tudo muito grandioso", destaca Möeller. "Trabalhar aqui é maravilhoso porque eles me dão essa liberdade e oportunidade de eu entregar o que eu acredito. Isso é ainda mais incrível porque estamos falando da história do festival dentro do festival. É uma metalinguagem fascinante para se fazer", completa.

O diretor ressalta ainda a importância do Rock in Rio. "O festival é

uma inspiração para a gente. O Roberto Medina elevou a categoria do Rio de Janeiro, do Brasil e do entretenimento do país. Se hoje eu estou tendo uma carreira, é porque ele lá atrás viu que seria possível fazer isso no Rio, em São Paulo ou no Brasil. Nada mais justo do que eu bater continência para a história da vida dele, que é tão fascinante e nos inspira a tanto", defende.

A produção contará com a combinação de música ao vivo com uma orquestra presente durante todo o musical, além de performances emocionantes com bailarinos coreografados por Mariana Barros.

O espetáculo acontecerá durante os dias do Rock in Rio 2024 e terá uma duração de 35 minutos por apresentação. Para os presentes nos dias de festival, poderão escolher entre uma das quatro apresentações diárias do espetáculo.

Aliás, outro momento à parte do festival está no palco do evento. Ele carrega um cenário inspirado no conceito de "Fábrica dos Sonhos" com o icônico tênis enlameado que remete ao festival de 1985 e uma larga escada em formato de máquina de escrever. Uma mega-produção digna do tamanho do festival.



O tênis enlameado, imagem icônica que remete à primeira edição do festival, em 1985, integra o cenário do musical

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Divulgação



O rapper Akon é o principal nome do novo anúncio

Rock in Rio 2024 confirma Akon, 21 Savage e NX Zero

A organização do Rock in Rio anunciou quatro novas atrações para a sua próxima edição, marcada para setembro. O principal deles é Akon, que vai se apresentar no palco Mundo no dia 22, encerrando o festival junto com Shawn Mendes, Ne-Yo e Mariah Carey.

Também foram anunciados o rapper 21 Savage, no palco

Mundo, e o DJ Deadmau5, no palco New Dance Order, ambos para o dia 13, a sexta-feira de abertura do evento, quando também sobem aos palcos Travis Scott e Matuê. No dia seguinte, quem se apresenta é o NX Zero, no palco Sunset, quando também haverá shows de Imagine Dragons, OneRepublic, Zara Larsson e Lulu Santos.

Luto na música

João Vicente Vieira dos Santos, gaiteiro e tecladista da banda gaúcha Nenhum de Nós, morreu aos 58 anos, vítima de câncer no rim. Ele estava internado no Hospital São Lucas, em Porto Alegre. A morte foi informada pela banda em nota oficial.

Beach Boys

O Disney+ anunciou para maio a estreia de "The Beach Boys", documentário sobre a banda que revolucionou a música pop, do som e das harmonias clássicas que eles criaram, personificando o sonho da Califórnia e cativando os fãs por gerações.

Alerta

Steven Spielberg comentou o crescimento do antissemitismo no mundo e falou pela primeira vez sobre os ataques de Israel na Faixa de Gaza: "Quem não consegue se lembrar do passado está condenado a repeti-lo", alertou o cineasta.

Livro Vivo

O CCBB Educativo – Lugares de Culturas criou atividade em diálogo com a exposição "Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak". O Livro Vivo trabalha com um livro tridimensional que incentiva a leitura neste fim de semana, às 15h.

O ponto auge que faz com que o musical se torne importante, vai além do fato de se contar a trajetória do Rock in Rio. Na realidade, seus idealizadores querem trazer a importância de se viver um sonho. É exatamente esse o motivo que para, Roberto Medina, idealizador do festival, o espetáculo vai muito além do que uma simples apresentação teatral.

"É mais do que um musical, é uma celebração da coragem de perseguir sonhos aparentemente impossíveis. Elaboramos uma emocionante narrativa que transportará a plateia para um Rio de Janeiro repleto de desafios e possibilidades. O espetáculo mergulha no passado, rememorando o ano de 1984, quando a ideia de realizar um gigante festival de música internacional na cidade era vista como um sonho inalcançável", recorda o empresário.

Ao que tudo indica, o passeio pelo passado do festival tem sido um dos motores para produção. "Estou ansioso para ver o espetáculo na Cidade do Rock. Estamos trabalhando incansavelmente, pensando em cada detalhe, para que tudo seja perfeito. As pessoas ficarão encantadas com cada cena que será apresentada", pontua Medina.

O enredo

A nova produção, "Sonhos, Lama e Rock and Roll", acompanha a história da autora Maria Antônia Lobo, interpretada pela atriz Bel Kutner durante a passagem do ano de 2024, e pela atriz Malu Rodrigues no momento em que a peça regressa para 1984. O público é apresentado a uma mulher determinada e apaixonada pelo mundo da publicidade e do entretenimento, na noite de autógrafos de seu livro autobiográfico "Fábrica de Sonhos", em 2024. Durante o evento, Maria reflete sobre sua jornada de vida, especialmente em 1984, quando participou da ideia de realizar um festival de rock internacional no Rio.

O musical levará os especta-



Bel Kutner vive a publicitária Maria Antônia em 2024

Perseguindo um sonho



Roberto Medina tem acompanhado todos os detalhes da produção e se diz ansioso em ver o musical sendo encenado na Cidade do Rock

dores a uma viagem no tempo, voltando para 1984, onde a jovem Maria Antônia chega a uma agência de publicidade carregando uma mala cheia de sonhos e aspirações. Contratada como estagiária, ela é recepcionada por Dora, papel feito por Gottsha, para uma disputa na vaga no departamento de criação com João Coelho, interpretado pelo talentoso Beto Sargentelli, um jovem carismático que se recusa a adotar um comportamento competitivo.

Enquanto isso, em meio a uma crise política e econômica no Brasil, o dono da agência revela a intenção de criar o maior festival de

música e entretenimento do mundo, refletindo a audácia necessária para transformar sonhos em realidade. À medida que a história avança, os espectadores são levados em uma montanha-russa de emoções, culminando em um final poderoso que celebra a resiliência, a criatividade e o espírito do Rock in Rio.

Uma das passagens mais marcantes da narrativa é a aparição de Dom Quixote, também interpretado por Beto Sargentelli. Dom Quixote, o icônico cavaleiro errante, surge montado em seu cavalo no meio do público e dirige-se ao palco central, simbolizando a luta contra os céticos e a busca incansável por realizar os sonhos mais impossíveis.

Pertencimentos e sonhos de liberdade

Dramaturgia parte de depoimentos de iranianos no espetáculo 'Pérsia', que chega ao Rio

Referência dentro e fora do Brasil pela reconhecida trajetória de quase 38 anos em Teatro de Animação, o Grupo Sobrevento estreia a peça adulta "Pérsia", dirigida por Sandra Vargas e Luiz André Cherubini, no palco do Teatro de Arena do Sesc Copacabana, nesta quinta-feira (28), às 20h.

Nessa incursão pelo Teatro de Objetos, gênero raro nos palcos do Rio, o Sobrevento convida a plateia a contemplar a condição humana através das histórias de pessoas que migraram do Irã para o Brasil atrás de uma sociedade ancorada na democracia. Democracia essa que, no próprio Brasil, viveu uma década de sobressaltos. Desses pontos de contato entre culturas aparentemente tão diversas é elaborada a narrativa de "Pérsia".

A montagem Pérsia recebeu a indicação ao Prêmio Shell de Melhor Cenografia. Desde 2016 sem se apresentar no Rio, onde foi fundado, o Sobrevento está há 25 anos sediado em São Paulo. A temporada no Rio é viabilizada pelo Edital de Cultura Sesc RJ Pulsar 2022/2023.

"O que leva o Sobrevento a montar 'Pérsia' é o avanço do fundamentalismo e a consolidação de um discurso cada vez mais conservador no Brasil, nosso próprio país, provocando uma consistente polarização que fragmentou a sociedade. A dor de ter que deixar a própria terra pelo desejo de alcançar condições mínimas de existência e, se possível, uma vida livre, digna e feliz, conduz o espetáculo", define Sandra Vargas.

Em "Pérsia" as linguagens visual e sonora ganham destaque, desde os figurinos de João Pimenta até o cenário minimalista de Luiz André Cherubini, passando pela utilização de instrumentos típicos do Irã – como setar, tambur, sorna e dozaleh (os atores fizeram preparação especialmente para tocar em cena) -, além da viola brasi-

Marco Aurélio Toresin/Divulgação



'Pérsia' busca conexões entre as histórias e culturas do Brasil e do Irã

leira, contando ainda, com a iluminação do premiado Renato Machado. O elenco é formado por Sandra Vargas, Luiz André Cherubini, Maurício Santana, Liana Yuri, Daniel Viana e Thaís Pimpão, que realizam

todas as ações em cena. No cenário, além de uma árvore seca, em torno da qual os personagens se encontram, os diálogos contêm temas distintos e comuns a todos nós, como medos, sonhos, angústias pelo desconheci-

do. A narrativa é formada por diálogos em texto e musicados.

"'Pérsia' reflete a busca das conexões entre as culturas e histórias persa e brasileira, por meio de uma expressão de potência visual, dramática, musical e poética. A linguagem do Teatro de Objetos dá unidade à forma como contamos a história. Ao misturar depoimentos do elenco e de imigrantes iranianos, a dramaturgia de Sandra Vargas revela anseios comuns de liberdade, de igualdade, de comunhão, de alegria, e propõe uma reflexão sobre o sofrimento que o autoritarismo e o fundamentalismo podem provocar na vida das pessoas, bem como sobre como a Arte e a Cultura podem ser um caminho de resistência", analisa Cherubini.

"'Pérsia' é o retrato do Brasil recente, quando vimos, estarecidos, a censura voltar a mostrar as suas garras, em que os artistas foram atacados, em que o dirigismo, a arbitrariedade e a intolerância tornaram-se protagonistas. O espelho iraniano lembra que uma Cultura de raízes profundas sobrevive, mesmo no terreno mais árido, que a

desertificação não é capaz de exterminar a humanidade de um povo, que a guerra não arrasa a história de uma civilização, que decretos restringem gestos, mas não têm poder sobre consciências. A humanidade em nós teima em resistir a qualquer ataque. E aos artistas, em situações avessas, cabem a persistência e a resistência, na defesa da liberdade da qual a Arte é guardiã", destaca Sandra Vargas.

SERVIÇO

PÉRSIA

Teatro de Arena sESC Copacabana
(Rua Domingos Ferreira, 160)

De 28/3 a 21/4, de quinta a domingo (20h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,40 (associado Sesc) e gratuito (público PCC)

Nos dias 5, 6, 12, 13 e 19, o Grupo Sobrevento ministra oficina gratuita de introdução ao teatro de objetos na Sala Multiuso do Sesc Copacabana (14h às 18h). Inscrições: info@sobrevento.com.br



A luta de Claudinho (Lucas Penteadinho) e Buchecha (Juan Paiva) para vencerem na vida pela música é recriada com delicadeza no longa ‘Nosso Sonho’, xará de um hit da dupla que fez o Brasil cantar no início do século

França embarca em ‘Nosso Sonho’

Festival de Cinema Brasileiro de Paris exhibe nesta quinta o maior campeão de bilheteria nacional de 2023, centrado na vida de Claudinho e Buchecha

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Na reta final de um exercício autoral (e antirracista) como diretor, chamado “Malês”, Antônio Pitanga é o homenageado do 26º Festival de Cinema Brasileiro de Paris, com direito a espaço nobre no filme nacional de maior sucesso de público de 2023: “Nosso Sonho”. Nesta quinta, ele será visto pelas plateias francesas do cine L’Arlequin no longa-metragem de Eduardo Albergaria sobre o fenômeno Claudinho e Buchecha.

Na mesma noite Pitanga aparece na mesma sala de projeção parisiense para falar de “Barravento” (1962), que fez com Glauber Rocha. Mas o que a França quer entender mesmo é o segredo por trás do su-



Cartaz oficial do 26º Festival de Cinema Brasileiro de Paris

cesso da cinebiografia do duo funkeiro que parou o circuito exibidor aqui este país.

Com cerca de 522 mil ingressos vendidos em sua carreira comercial, “Nosso Sonho – A História de Claudinho e Buchecha” se estabeleceu como “A” bilheteria brasileira do ano passado. Hoje Albergaria vê seu nome se associar a um fenômeno popular que gruda em corações e mentes sobretudo no subúrbio. Tinha gente saindo pelo ladrão das sessões do Kinoplex Norte Shopping e do cinema de Madureira. Hoje, já é possível vê-lo via streaming, no Telecine Play e na Amazon Prime. Pitanga está na trupe central, no papel de Seu Américo.

Comovente do começo ao fim, sem ser excessivamente melosa um segundo que seja, a produção estreou no fim de setembro, apostando no carisma da dupla que ajudou a levar a alegria e a resiliência das periferias cariocas para a música. Desde então, segue em circuito.

À luz elegante da fotografia de João Atala, Lucas Penteadinho e Juan Paiva encarnam os bardos românticos por trás de “Só Love” e “Fico Assim Sem Você”. Não por acaso, ao longo de uma carreira

meteórica, interrompida pela morte de Claudinho (num acidente na Dutra, na altura de Seropédica, em 2002), os dois cantaram: “Nossa história vai virar cinema/ E a gente vai passar em Hollywood, mas/ Se ninguém gostar não tem problema/ Meu bem um grande amor/ Não há quem mude”.

Fundador da produtora Urca Filmes, usina de séries e documentários, Albergaria despontou na direção com o curta-metragem “Achados e Perdidos” e estreou na direção de longas com uma trama romântica meio argentina, meio carioca, chamada “Happy Hour” (2018).

“Niteroiense de origem, sou do ingá, da rua Pereira Nunes, vizinho da faculdade de cinema da UFF, onde sonhava estudar até que Collor nos atravessou e fez este sonho parecer impossível. Adieci o cinema por alguns anos até que não aguentei mais. Estou com 50 anos”, disse o cineasta ao Correio, à época do lançamento.

Katia Adler, diretora do Festival de Cinema Brasileiro de Paris, agendou uma nova projeção de “Nosso Sonho” para sábado, com a presença de Pitanga no debate.

Nesta sexta, o L’Arlequin confere “Pérola”, de Murilo Benício, que rendeu à atriz Drica Moraes um prêmio de interpretação no Fest Aruanda, na Paraíba, em 2022. No domingo, a França vai prestigiar “A Paixão Segundo GH”, de Luiz Fernando Carvalho. Na segunda, rola projeção dos premiados “Mussum” e “Pedágio”. O encerramento do festival será no dia 2.



Divulgação

O set de 'Megalópolis', que marca a volta de Francis Ford Coppola, um outsider de grife milionária

América fora da caixinha

Diretores independentes como Francis Ford Coppola e Michael Cimino ganham novos holofotes ao mesmo tempo em que ciclo indie dos EUA ganha mostra em Lisboa

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Estrelado por Adam Driver, "Megalópolis", superprodução que há de marcar o regresso de Francis Ford Coppola às salas de exibição após um hiato que vem lá de "Virginia" ("Twixt", 2011), é a celebração da cultura audiovisual dos indies, termo usado para classificar formas independente de se fazer filmes na pátria dos estúdios.

A retrospectiva Clint Eastwood, que entra em cartaz no Estação NET Bofafogo nesta quinta, inclui hoje um cult capaz de simbolizar essa cultura de exceção: "O Último Golpe" ("Thunderbolt and Lightfoot", 1974). A sessão será às 14h30, inaugurando a mostra idealizada pelo crítico Mario Abbade a partir do conjunto de longas-metragens estrelados e dirigidos pelo realizador de "Os Imperdoáveis" (1992).



Divulgação

O .doc 'Pier Kids' é representante da não-ficção no evento de Portugal



Divulgação

A atriz de ascendência indígena Lily Gladstone em 'The Unknown Country'

Quem deu instruções a ele e a um jovem Jeff Bridges nos sets desse thriller foi Michael Cimino (1939 – 2016), uma espécie de divindade da autonomia criativa em Hollywood, representado hoje

na grade brasileira da plataforma MUBI (www.mubi.com) com "O Franco Atirador" (1978). Toda essa celebração que se faz das formas de se radicalizar a liberdade na maneira de filmar vai ganhar um reforço

em escopo internacional, via Lisboa, com a mostra Outsiders, agendada de 30 de abril a 5 de maio no Cine São Jorge, em Lisboa.

O realizador Patrick Wang é o convidado desta terceira edição do evento, que já se debruçou sobre os contemporâneos de Cimino). Ele vai estar solo lisboeta para apresentar dois dos seus filmes – "The Grief of Others" e "A Bread Factory" -, e dar uma masterclass na Faculdade de Belas Artes, no dia 3 de maio. A programação do ciclo Outsiders (uma iniciativa da Fundação Luso-Americana Para o Desenvolvimento) procura responder à questão "o que é, hoje, a família americana?". Essa pergunta busca respostas para si por meio de um conjunto de filmes que esboçam o retrato da América contemporânea, do seu fascínio e das suas contradições, a partir de um olhar sobre formações familiares nas suas múltiplas declinações.

"Os 12 filmes que compõem o programa desta terceira edição abrangem gêneros muito diversos: vão da comédia ao melodrama, passando pelo terror e pelo road movie). Eles incluem ficções e documentários e possuem autores de origens geográficas e étnicas variadas, com um número significativo de realizadores negros e asiáticos, entre os quais o nosso convidado, Patrick Wang, bem como uma maior representatividade de mulheres realizadoras", explica Carlos Nogueira, programador do ciclo. "Patrick será objeto de um minifoco, com a exibição de dois dos seus filmes. Há produções que foram

premiadas ou apresentadas em festivais prestigiados, como é o caso de um ganhador do Grande Premio em Sundance: 'A Thousand and One'. Há títulos que integraram seleções oficiais no South By Southwest, em Locarno ou em Berlim. Há filmes que contam com a presença de nomes conhecidos, como Lily Gladstone, que foi nomeada para o Oscar este ano, ou como Brian Dennehy, Hong Chao, Marin Ireland, Teyana Taylor. São, mais uma vez, todos inéditos em Portugal. Em resumo, mantem-se fieis ao espírito que procuramos imprimir aos nossos Outsiders desde o início: diversidade, representatividade e dimensão lúdica".

Dirigido por Morrissa Maltz, o já citado "The Unknown Country" protagonizado por Gladstone, é o longa de arranque da seleção programada por Nogueira. Sua trama acompanha uma jovem mulher em luto por um familiar próximo, que embarca numa viagem após receber um convite inesperado. No feriado de 1 de Maio, são exibidos três filmes. O primeiro, "Land Ho!", é uma comédia dramática realizada por Martha Stephens e Aaron Katz. Nele, dois ex-cunhados reformados decidem fazer uma viagem à Islândia para reacender a sua amizade e aproveitar a vida, numa reflexão sobre o envelhecimento, a amizade e a busca da felicidade. O segundo é "South Mountain", de Hilary Brougher, cujo enredo aborda as complexidades dos desafios da maternidade e as mudanças nas dinâmicas conjugais. O terceiro será "Pier Kids", um documentário de 2019 realizado por Elegance Bratton sobre a vida de jovens sem-abrigo de identidade queer que se reúnem num icónico ponto de encontro da cidade de Nova Iorque. Para o encerramento, ficou agendado o belo "Bloody Nose, Empty Pockets", dos irmãos Bill e Turner Ross, e "A Thousand and One", de A.V. Rockwell.

No Rio, a seleta de filmes de Eastwood que abrange o fértil – e outsider – período da chamada Nova Hollywood, nos anos 1970, segue até o dia 3 de abril, retornando com novas atrações nos próximos meses.

Por Lucas Souza

Está confirmada para abril mais uma edição do TIM Noites Cariocas, no Morro da Urca nas noites de sextas e sábados. A terceira temporada apoiada pelo patrocinador ocupará o histórico palco do anfiteatro do Parque do Pão Açúcar, unindo música de qualidade a uma das mais deslumbrantes paisagens da cidade.

Como acontece desde sua criação, nos anos 1980, o Noites Cariocas reúne novos talentos e nomes já consagrados da música brasileira. Nas duas edições anteriores, o festival atraiu levou 42 mil pessoas em 22 apresentações, totalizando mais de 70 horas de shows e 640 viagens de bondinho.

A temporada de shows começa no próximo dia 5, sexta-feira, com apresentações de Guilherme Arantes e Ritchie. Um dos mais populares compositores brasileiros, Guilherme recorda seus grandes sucessos. E o britânico Ritchie faz o show que celebra os 40 anos de “Menina Veneno”, um dos hits mais emblemáticos dos anos 1980. Na noite seguinte, L7non e Catha agitam o público com muito rap e funk nacional.

No segundo final de semana é a vez da Blitz e Fernanda Abreu na sexta-feira (12). Já Agnes Nunes e Marina Lima são as atrações do sábado (13).

No dia 19 de abril, o sambista Zeca Paçodinho surge com toda sua alegria e des-

Noites mais que cariocas

Festival mais longo do pop rock nacional volta em abril ao Parque do Bondinho

Marcos Trojan/Divulgação



Ritchie apresenta no dia 5 o show que comemora os 40 anos de seu primeiro álbum

contração, enquanto Ana Carolina encerra o penúltimo sábado do festival, dia 20.

O último final de semana reserva grandes momentos com o Bala Desejo e par-

ticipações especiais como Maria Gadu e Pretinho da Serrinha no dia 26 de abril. Já Seu Jorge encerrando a temporada no dia 27 de abril.

O TIM Music Noites Cariocas, com 44 anos desde sua primeira edição em 1980, é uma referência na cena musical brasileira, reunindo diversas gerações de talentos.

Recriando o clima da folia baiana

Davi Moraes e Moreno Veloso trazem show que fazem juntos no carnaval de Salvador

O carnaval passou, mas o frevo não pode parar! Davi Moraes e Moreno Veloso estreiam nesta quinta-feira (28) no Manouche o show “Noite do Frevo” – que levaram ao carnaval da Bahia nos dois últimos anos – com o que está no sangue, na história e



Moreno e Davi: ‘Estamos nessa de manter o frevo presente’

na herança dos dois: o carnaval, os frevos e afoxés, invocando as irresistíveis músicas que aprenderam a amar e tocar em trios elétricos.

O filho de Moraes Moreira comenta a alegria de estar ao lado de Moreno Velo-

so neste trabalho. “Moreno é meu amigo desde sempre e primo pela parte de minha mãe. Ele sempre acompanhou nossas saídas de trio e eu me lembro de falar para ele que a gente tinha de montar uma coisa junto. Uma vez, descendo de um trio na Praça Castro Alves, a gente se abraçou e joguei essa idéia pra ele”, lembra.

“O universo conspirou e jogou a favor e já fizemos este show dois anos no carnaval em Salvador, numa grande homenagem ao meu pai. Agora estamos nessa, de manter o frevo presente e, para minha alegria, mais uma vez, estaremos juntos trazendo esta noite do frevo para o Manouche”, completa.

E a liga entre eles deu tão certa que Davi e Moreno se uniram para gravar uma nova versão da música “Todo mundo quer”, lançada por Moraes em 1983 e incluída no álbum “Moraes É Frevo!”, lançado em janeiro pela Orquestra Frevo do Mundo, num projeto assinado por Pupillo, Marcelo Soares e Davi Moraes.

No repertório músicas próprias deles,

músicas de seus pais Moraes e Caetano e grandes frevos cantados por todos até hoje como “Bloco do Prazer” e “Coisa Acesa” (ambas de Moraes Moreira e Fausto Nilo), até frevos clássicos instrumentais e de Dodô e Osmar e afoxés dos blocos afros baianos.

E para fazê-lo à altura, os dois vêm acompanhados de uma banda com grandes frevistas: Noé Ribeiro (teclado), Antonio de Moraes Neves (trombone); Roberto Stepheson (sax e flauta), Augusto Albuquerque (baixo), Vander Luiz (trompete), Eduardo Santana (trombone) e Cesinha (bateria).

SERVIÇO

NOITE DO FREVO - DAVI MORAES E MORENO VELOSO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese)

28/3, às 21h

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária, mediante doação de 1kg de alimento não perecível ou livro)

ENTREVISTA / DIOGO NOGUEIRA, CANTOR E COMPOSITOR

Divulgação Star+



Na série, Diogo Nogueira vive Yaco, um cantor caricato e galanteador

'Tenho uma das maiores atrizes em casa'

Por Leonardo Volpato (Folhapress)

Luz, câmera, arruma o topete, reforça a maquiagem, alinha a roupa, faz cara de galanteador e... ação. Definitivamente, o sambista Diogo Nogueira agora pode dizer com todas as letras que fez a sua estreia como ator.

Apesar de já ter aparecido brevemente em algumas outras produções, como em "Quanto Mais Vida, Melhor" (Globo, 2022), será a partir desta semana, na tela do Star+, que o cantor poderá mostrar o resultado de todo o seu empenho para virar Yaco, um pop star cheio de caras e bocas na série "Desejos S.A."

Mesmo com pouco tempo de dedicação por conta das viagens e dos shows, Diogo

revela que teve aulas particulares com alguém com bastante bagagem. "Aproveitei que tenho uma das maiores atrizes em casa para me aperfeiçoar. Estou curioso para ver a reação dela e a das outras pessoas com o resultado", conta ele, sobre a ajuda de Paolla Oliveira na leitura dos textos.

A trama, que também conta com Carol Castro, Silvero Pereira e Marcos Pasquim no elenco, gira em torno de uma empresa que promete realizar qualquer solicitação, sob o lema: "O que você quiser, quando quiser". Em troca, além de uma tarifa simbólica, a pessoa precisa participar do pedido de outro consumidor. Na história criada pelos diretores argentinos Gastón Duprat e Mariano Cohn, o personagem de Diogo se envolve num pedido inusitado de uma fã.

Você já fez participações em novela e teatro, mas considera essa a sua estreia como ator?

Diogo Nogueira: Sim. Fiz um teatro musical em homenagem aos 100 anos do samba, eram três horas de peça e passeávamos pela história do ritmo. Fiz participações em novelas sendo o Diogo Nogueira mesmo, mas agora realmente é minha primeira vez. Foi um grande desafio, e eu pulei de cabeça.

Qual o maior desafio?

Apesar de ser músico, decorar não é tão fácil para mim. Mas a gente é esforçado (risos). O legal é que vi que não é preciso seguir exatamente o texto, mas dar a intenção do que é passado de um jeito que fique bacana

e o diretor aceite. Tive um pouco de improvisação que fizesse sentido e desse sabor às cenas.

Seu personagem, o Yaco, é também um cantor. Facilitou a interpretação?

Ele é caricato. Tive que mudar a voz, o que foi difícil, pois sou brincalhão só em casa, no trabalho sou mais sério e muito tímido. O Yaco é galanteador, engraçado, gosta de colocar um topete, pintar o olho, é completamente diferente de mim, um mega star com roupas extravagantes. Mas confesso que essa caracterização toda me ajudou a sair desse lugar de timidez. Eu entro no último episódio.

O que a Paolla Oliveira, sua namorada, achou da sua experiência como ator?

Ela não viu ainda, mas leu muitas vezes o texto comigo e me ajudou, me auxiliou, me mostrou um caminho a seguir. Só que nas cenas eu acabei indo por outro lado, pois precisava dar mais força e mais expressão ao Yaco. Mas a Paolla foi um amor.

Fez aulas de interpretação?

Na verdade, tive que fazer e aprender tudo em pouco tempo. Não deu para fazer aula, fui encarando do meu jeito. Muitos shows, viagens, muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, foi apertado. Aproveitei que tenho uma das maiores atrizes em casa para me aperfeiçoar.

Atuar em 'Desejos S.A.' alimentou a sua vontade de seguir nessa área?

Sempre fui fã de cinema e artes cênicas, em geral, e essa chance de fazer a primeira série, que, na verdade, é um filme picotado em série, me fez pensar em seguir, sim. Se novas oportunidades aparecerem, vou querer agarrar. Com mais tempo, terei como estudar mais e melhorar. Dá para conciliar as carreiras.

Quem sabe não consegue atuar com Paolla?

Rapaz, com certeza eu ficaria nervoso (risos). Ela é uma atriz que tem bagagem, com uma gama de personagens muito adorados e bem falados no Brasil e no mundo, já que as novelas da Globo passam em outros países. Óbvio que, inexperiente que sou, ficaria nervoso, mas acho que seria maravilhoso, teria uma aula dentro do set. Só espero que se um dia rolar ela tenha paciência comigo (risos).

Reconstruindo legados

Mostra da francesa Adeline Rapon apresenta 37 obras que refletem sobre a história e a cultura da Martinica

Adeline Rapon, fotógrafa e influenciadora francesa de origem martinicana, chega ao Rio para apresentar sua exposição individual “O Legado Perdido”. São ao todo 37 fotografias criadas durante o confinamento da Covid-19 em março de 2020. A mostra será aberta nesta quinta-feira (28), às 18h30, na Galeria Aliança Francesa Botafogo. A mostra reflete sobre a história e a cultura da Martinica, um departamento ultramarino francês no Caribe.

As fotografias de Rapon, são uma reconstrução de imagens de arquivo de mulheres caribenhas que datam de final do século 19 e neste jogo de espelhos e imitações, a fotógrafa questiona e procura a sua própria herança ao abordar a questão do lugar da mulher nas Antilhas.

Nascida em Paris em 1990, filha de mãe de Corrèze e pai da Martinica, a fotógrafa começou sua jornada artística com estudos em literatura e história da arte. Desenvolveu então competências diversificadas em desenho, pintura, escultura, cenografia e fotografia, que alimentou através de leituras e visitas as exposições. Em 2008 ela criou um blog combinando fotografia, arte e moda, um lugar para partilhar o seu trabalho fotográfico, de escrita e militante.

A mostra destaca a série de autorretratos “Fanm Fò”, que significa “mulher forte” em crioulo, é uma reconstrução de imagens de arquivos de mulheres conhecidas ou anônimas das Antilhas francesas, onde aparecem códigos de vestimenta nas Índias Ocidentais e que nos questiona sobre a maneira como olhamos para essas mulheres no século XIX.

“Negra da Martinica”, “Mulata de cabelos macios”, “Tipo de mulher de Guadalupe” designam mulheres anônimas, fazendo pose, algumas com os olhos perdidos, outras desgrenhadas. Na sua maioria retirados de postais, estes retratos anti-

gos apresentam figuras reais, muitas vezes fantasiadas, e apresentam-nas como um ponto de venda para o turismo emergente, destacando o Império Colonial Francês no poder até 1945 na Martinica, Guadalupe e na Guiana. Este tipo de imagens foi recorrente em todas as colônias francesas, criando uma imagem estereotipada dos países africanos e asiáticos na França.

O jogo de comparação entre o autorretrato reconstruído e a fotografia original leva a uma melhor percepção do modelo anônimo. “Ao acentuar a diferença entre o presente e o passado, uma dupla narrativa toma forma: de um lado, um cotidiano congelado entre as paredes de um apartamento parisiense, do outro, as pessoas anônimas encerradas numa imagem colonial, produzida principalmente em estúdio”, compara a artista.

“Esta série fotográfica é uma reviravolta na minha vida. Permitiu-me afirmar a minha herança martinicana numa França que desde o século XIX tem o hábito de caricaturar e de zombar dela, mas também de aprender muito sobre ela através das pesquisas diárias que acompanhavam as fotografias. Além de tudo isso, também entendi que, finalmente, era isso que eu realmente queria fazer na minha vida: ser uma artista fotográfica. Me aprofundar em um assunto e fazer dele uma obra, que poderá então ser mostrada e contada. Fanm Fò é um momento precioso que tenho o prazer de contar novamente em uma terra tão rica e mista como o Brasil”, resume Adeline Rapon.

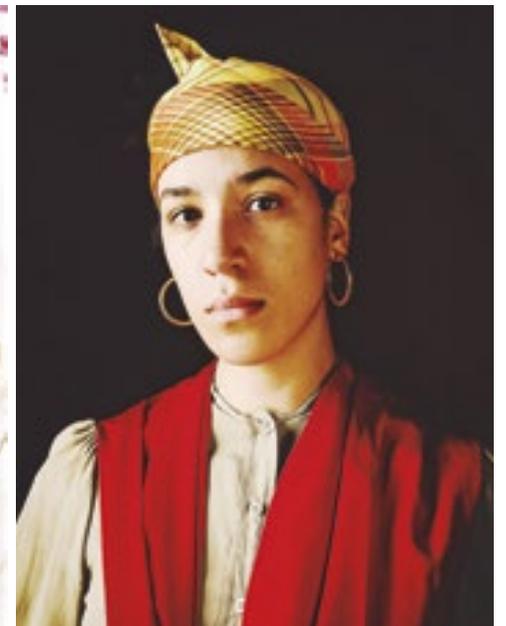
SERVIÇO

O LEGADO PERDIDO
Galeria da Aliança Francesa (Rua Muniz Barreto, 730, Botafogo)
Até 25/5, de segunda a sexta-feira (11h às 20h) e sábado (9h às 12h)
Entrada franca

Acervo de família



Adeline Rapon



Adeline recria a imagem de Eleonore Nonô Rapon, sua bisavó

Reprodução

Adeline Rapon



Aqui Adeline faz sua releitura para a tela ‘Retrato de Madeleine’ (1800), de Marie-Guillemine Benoist, exposta no Museu do Louvre

Coleção A. Benoist

Adeline Rapon



A artista visual também reproduz em fotografia a imagem de um postal da Martinica com uma mulher em traje local do século 19